

DIÁLOGOS URBANOS NO TERRITÓRIO PAULO FREIRE: Políticas Públicas e Construção do Direito à Cidade.

Meio Ambiente

Coordenador da atividade: Mário Ricardo GUADAGNIN¹

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

**Autores: Mário Ricardo GUADAGNIN¹; Thainá CABRAL²; Yasmine CUNHA³;
Amanda CASTRO⁴; Leonardo da Costa BERNARDO⁵; Luana da Silva TOMÉ⁶**

Resumo

A gestão ambiental no espaço urbano ocorre na interface ambiente natural/ambiente construído, e apropriação do espaço, na transformação da paisagem, na identidade com o lugar, no exercício de poder, no território e suas novas territorialidades. O projeto “Diálogos Urbanos no Território Paulo Freire – políticas públicas e construção do direito à cidade” discute o espaço urbano e seus processos de gestão, tendo o fator ambiental como elo de re ligação das pessoas com o espaço habitado para o resgate das relações dialógicas homem/ambiente na reflexão das ações e reações das territorialidades construídas no Bairro Cidade Mineira na periferia de Criciúma, SC, Brasil. A metodologia utilizada no projeto é problematizadora e democrática desde o planejamento das ações, à sua realização, até a avaliação. Com atividades de integração e troca de saberes entre a Universidade e Sociedade, a mobilização dos participantes em torno de processos de construção de mecanismos e ferramentas participativas que permitam o desenvolvimento da identidade territorial; o diagnóstico e mapeamento dos problemas ambientais vividos pela comunidade; a contribuição na busca de soluções; e a consolidação das políticas públicas ambientais. As atividades são realizadas com encontros quinzenais, por meio de oficinas e rodas de conversas voltadas para debates e levantamento de questões ambientais trazidas pelos participantes em metodologias participativas e dinâmicas de grupo linha do tempo, biomapa, diagnóstico rápido participativo, árvore de problemas, atividades e exposições. A

¹ Mário Ricardo Guadagnin, M.Sc. docente, Engenharia Ambiental - UNESC

²Thainá Cabral, Acadêmica do curso de Geografia - UNESC

³Yasmine Cunha, docente, Geografia - UNESC

⁴Amanda Castro, docente, Psicologia – UNESC

⁵Leonardo da Costa BERNARDO. Acadêmico do curso de Psicologia - UNESC

⁶Luana da Silva TOMÉ, Acadêmica do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária - UNESC

comunidade por meio da participação e integração ao longo dos encontros, um novo nível de empoderamento e autonomia comunitária e social.

Palavra-chave: Cidadania, sustentabilidade, Gestão territorial.

Introdução. O projeto traz debates que visam o fortalecimento da identidade e o empoderamento de lideranças comunitárias, diretores de escolas, agentes comunitários e demais moradores residentes no espaço denominado Território Paulo Freire - Programa de Extensão da UNESCO.

O projeto de extensão “Diálogos Urbanos no Território Paulo Freire: políticas públicas e construção do direito à cidade” propõe suscitar a autonomia em lideranças comunitárias e promover a participação cidadã. Integrando docentes e discentes de áreas multidisciplinares – psicologia, geografia e engenharia ambiental e sanitária – a proposta do projeto é propiciar aos participantes instrumentos para a busca de soluções para os problemas locais.

No biênio 2018/2 até 2020/1 a atuação se dá nos Bairros Mineira Velha e Progresso. Na comunidade os encontros se realizam na escola EMEIEF Padre Carlos Wecki, onde o grupo trabalha aspectos de qualidade do ambiente urbano sobre as temáticas: urbanismo e urbanidade, mobilidade urbana, regularização fundiária, gerenciamento de resíduos e inclusão social, saneamento ambiental, gestão pública, educação cidadania e territorialidade. Na proposta de diálogo permanente numa proposta de ação freiriana dá-se prioridade para abordar temáticas e problemas trazidos pela comunidade.

A participação social é uma das estratégias para solucionar problemas e conquistar melhores condições de vida para todos. Seus resultados são alcançados satisfatoriamente quando as necessidades de um grupo são expressas de forma organizada, podendo ocorrer em torno de interesses comuns, na maioria das vezes. Isso porque, interesses comuns fazem indivíduos se unirem pela defesa de causas que acreditam.

Para fortalecer a participação social é necessário estimular a mobilização social. Mobilização social, de acordo com os autores Toro e Werneck (2004), pode ser compreendida como o ato de “convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhado” (p.13). Assim, convocar vontades diz respeito a “convocar discursos, decisões e ações no sentido de um objetivo comum, para um ato de paixão, para uma escolha que contamina todo o cotidiano” (p.14).

Nesse sentido, “participar de um processo de mobilização social é uma escolha, porque a participação é um ato de liberdade. As pessoas são chamadas, convocadas, mas participar ou não é uma decisão de cada um. Essa decisão depende essencialmente das pessoas se verem ou não responsáveis e como capazes de provocar e construir mudanças” (TORO; WERNECK, 2004, p.13).

Para Sampaio (2005), “participar politicamente significa fundamentalmente, tomar parte das políticas públicas. Consiste em formar opinião sobre uma decisão do Estado: em expressar, pública e livremente, essa opinião; e em vê-la levada em consideração. Trata-se de uma meta ainda a ser atingida, pois nenhuma sociedade possibilitou até hoje a plena participação política de todos os seus cidadãos” (p.47).

Metodologia. Sediadas na EMEIEF Padre Carlos Wecki, as reuniões com a comunidade iniciaram em agosto de 2018. A partir da reunião inicial, outros moradores foram convidados pela equipe por indicação dos funcionários e professoras da escola.

Os encontros foram planejados com três objetivos iniciais: conhecimento e integração do grupo, conhecimento do bairro e identificação de vulnerabilidades, definição de metas e planejamento de ações. Para cada objetivo, foram escolhidas metodologias participativas específicas (Figura 1).

Figura 1 - Metodologias Participativas Aplicadas nos Encontros



Fonte: dos autores

Desenvolvimento e processos avaliativos. As oficinas voltadas para a educação ambiental contribuem para promoção do desenvolvimento local sustentável voltado para o bem-estar, melhoria da qualidade de vida e a felicidade de todos. Foram realizadas oficinas

em três momentos: a) um trabalho de preparação partindo da prática social dos/das participantes; b) a realização de um evento específico para o trabalho coletivo; c) a volta à prática social com os novos dados recolhidos.

As dinâmicas de grupo estimularam a interiorização pessoal, levando o indivíduo ao reconhecimento de suas limitações, suas dificuldades e seus hábitos. Esta técnica permitiu a dinamização do grupo de moradores para construir um consenso, impedindo-o a fechar-se sobre si mesmo, de modo que os participantes podem crescer dentro do grupo, e o grupo poderá transformar o ambiente, mediante a promoção das pessoas ligadas a ele.

Com a oficina de futuro como técnica participativa levantaram-se os problemas e potencialidades da comunidade. Concebida e desenvolvida com o objetivo de sensibilizar e envolver a população em processos de resolução de problemas e tomada de decisões.

Trata-se de um espaço para se debater sonhos, problemas e ações conjuntas. As pessoas apontam os problemas que as afligem dentro do tema proposto, construindo seu “Muro das Lamentações” e também a situação ideal desejada ao plantar sua “Árvore dos Sonhos”.

Para que toda o processo se desenvolvesse, foram utilizadas metodologias participativas, sendo estas ferramentas essenciais para que a comunidade possa expressar seus desejos, e conflitos para com o bairro. As metodologias já usadas foram: linha do tempo, o muro das lamentações, e a árvore dos sonhos.

A Linha do Tempo foi orientada pelo grupo organizador, que através dos relatos e documentos apresentados pelos moradores (solicitados previamente), pudessem compartilhar os fragmentos da historicidade do bairro na linha expressa em um quadro de forma cronológica conforme as memórias dos moradores. Gerando reflexões acerca do tempo e a participação das pessoas que viveram ali e vivem na construção deste bairro, essa metodologia nos remete ao desenvolvimento histórico social do bairro.

O Muro das Lamentações mediado pelo grupo organizador, trouxe a proposta de reflexão sobre suas próprias angústias pessoais e do território da Mineira Velha, colocando-as em um bloco simbólico. Após juntar as peças de todos os moradores do bairro, posteriormente foi proposto aos membros dialogar sobre as “lamentações” escritas nos blocos, formando-se por fim um muro pesaroso denunciando o que as afligem e verificando seu papel nesse contexto.

A Árvore dos Sonhos foi onde os participantes escreveram seus sonhos nas folhas da árvore levadas pelo grupo organizador, e nela pode-se visualizar os desejos/sonhos em comum da comunidade. Por fim foram eleitos os sonhos com maior prioridade de alcance, e

assim os participantes – diretora, catadores e moradores do bairro- conseguiram visualizar o que precisava ser alcançado em primeira instância, norteando assim o caminho para suas conquistas. Todo o processo de construção e discussão foi mediado pelos bolsistas e professores.

Quadro de levantamentos dos sonhos à partir da Árvore dos Sonhos.

Desejos e Objetivos da Comunidade	Número de votos na eleição de prioridades
Coleta Seletiva	19
Animais nas ruas	5
Segurança	4
Valorização da educação e dos professores	4
Projetos na comunidade	3
Melhoria na qualidade de vida da comunidade	3
Desenvolvimento	3
União de todos	3
Saúde de qualidade	3
Aposentadoria	2
Distribuição de renda	2
Ter uma propriedade	2
Menos violência doméstica	1
Emprego	1
Combate às drogas	1

Todo o decorrer do processo na comunidade se efetua a partir do quadro acima, onde os dois grandes objetivos são a coleta seletiva e o controle dos animais e zoonoses no bairro. Com isso, os últimos encontros deram-se de forma voltada aos sonhos e objetivos construídos pela comunidade. O papel desempenhado pelos professores e bolsistas é apenas de mediação das situações e contatos para que a comunidade saiba com quem entrar em contato para que os problemas sejam resolvidos de forma definitiva.

As dinâmicas de grupo vêm estimulam a interiorização pessoal, levando o indivíduo ao reconhecimento de suas práticas individuais, comunitárias e promoção das mesmas. As técnicas permitem a dinamização do grupo de moradores para construir um consenso mediante as necessidades pontuadas durante cada encontro.

Considerações Finais. A experiência relatada ressalta o potencial de aplicação das metodologias participativas em ambiente comunitário. O uso das metodologias participativas mostrou-se muito eficaz na coesão e união do grupo. Cada oficina realizada ampliou o conhecimento da equipe do Projeto Diálogos Urbanos sobre o bairro, e do bairro sobre si mesmo.

As metodologias participativas proporcionaram uma participação ativa, de forma que a análise crítica do ambiente fosse feita pelos próprios moradores, sendo a equipe do projeto de extensão, agente mediador do processo. Outro ponto positivo para as metodologias participativas é a capacidade de integração do grupo, pois promove mais diálogo, com troca de ideias e saberes.

A integração dos membros do grupo foi o ingrediente mais importante para a busca de soluções para as vulnerabilidades identificadas no território. A coesão grupal torna o grupo mais forte e os integrantes cooperam muito mais entre si, possibilitando bons resultados.

Referências:

ALBERICH, Tomás et al. **Metodologias participativas.** Manual. Madri: Observatorio Internacional de Ciudadanía y Medio Ambiente Sostenible (CIMAS). 2009. 91 p.

CHAMBERS, R. **Rural Appraisal: Rapid, Relaxed and Participatory.** London, Institute of Development Studies, 1992. (Discussion Paper 311).

ECOAR – Instituto ECOAR para a cidadania. **Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário.** Projeto Bacias Irmãs. USP, University York, Canadian International Development Agency. 2008, 110 p.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. Participação Popular In.: TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves, (Org.) **Os sentidos da democracia e da participação.** São Paulo: Instituto, Pólis, 2005. p. 47-50

TORO, José Bernardo & WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP.** Revisão e adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos. - Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 62 p.